

# A inadequação da certeza sensível em Hegel: uma objeção ao conhecimento imediato

The sense-Certainty's inadequacy in Hegel: an objection to the immediate knowledge

Maria Ivonilda da Silva Martins\*

**RESUMO:** Este artigo tem como principal objetivo avaliar o primeiro capítulo da obra *Fenomenologia do Espírito* (1807), de G.W.F. Hegel. O capítulo corresponde à “certeza sensível”: a forma mais simples e imediata de experiência que o sujeito realiza ao tentar apreender a verdade sobre os objetos. A pergunta central que se coloca é: como entender a nossa forma cognitiva mais básica e imediata de confrontação com o mundo? Hegel entende que mesmo a mais simples relação entre um sujeito e um objeto sofre a mediação de um terceiro elemento, neste caso a linguagem, pois, apesar de o sujeito não ser ainda consciente de si, mas consciente de um objeto, a reflexão se faz presente e, de certa forma, “obriga” o sujeito a oferecer provas daquilo que julga conhecer única e exclusivamente através dos sentidos. Examinar a articulação que Hegel faz da primeira estrutura da “consciência” é fundamental tanto para identificar a presença do movimento dialético, mesmo nos níveis mais pobres de acesso ao conhecimento, quanto para entender como o conceito de espírito começa a ser gestado a partir das experiências que a consciência realiza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Certeza Sensível, *Fenomenologia do Espírito*, Hegel, Linguagem.

**ABSTRACT :** The main purpose of this paper is to evaluate the first chapter of the G.W.F. Hegel's *Phenomenology of Spirit* (1807). This chapter corresponds to the “sense-Certainty”: the most simple and immediate form of experience that the subject realizes trying to capture the truth about the objects. The main question is: How are we to understand our most immediate and basic cognitive confrontation with the world? Hegel understands that even the most simple relation between a subject and an object suffers the mediation of a third element, in that case the language, because despite the subject not being conscientious of yourself yet, but conscientious of an object, the reflection is present and, somewhat, “forces” the subject to offer proves what he judges to know solely and exclusively through the senses. Examine the articulation that Hegel's do of the first “consciousness” structure is fundamental to identify the dialect movement's presence, even in the poorest levels of the knowledge access, as to understand how the concept of spirit starts to be gestated from the experience that the conscience realizes.

**KEY-WORDS:** sense-Certainty, *Phenomenology of Spirit*, Hegel, language.

\*Mestranda em Filosofia na Universidade Federal do Ceará(UFC). Bolsista CAPES. Contato: [maria\\_ivonilda@yahoo.com](mailto:maria_ivonilda@yahoo.com)

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p.106-118
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	-----------

## 1.Introdução: A certeza sensível, ou o começo da dialética do objeto

A “certeza sensível” representa um momento importante na constituição do conhecimento em Hegel. Ela é a forma mais simples e imediata de experiência que o sujeito realiza ao tentar apreender a verdade sobre os objetos e, portanto, representa também o ponto de partida da seção “Consciência”, situada na obra *Fenomenologia do Espírito* (1807).

Hegel formula sua apresentação partindo do pressuposto de que o saber, que apresenta-se imediatamente a nós, é o nosso objeto e que, portanto, não pode ser nenhum outro senão o saber que é também imediato: isto é, saber do imediato ou essente. Ora, esse “imediato” não é nada mais do que o conteúdo concreto que surge e se apresenta a nós na experiência sensível. Esse conteúdo, que é um conteúdo da certeza sensível, aparece como o conhecimento mais rico e mais verdadeiro ao qual a consciência pode ter acesso, e a própria certeza sensível surge como a mais verdadeira, pois acredita ter domínio pleno sobre esse objeto simplesmente por tê-lo diante de si. O conhecimento da consciência configura-se, portanto, a partir do contato que ela tem com o *ser* única e exclusivamente através dos sentidos.

Contudo Hegel defende que, embora o conhecimento dependa da experiência sensível, por se iniciar a partir dela, ele não se limita a ela. Hegel rejeita a ideia de que o conhecimento é limitado à experiência imediata que o sujeito tem ao entrar em contato com o objeto. Com isso, ele levanta a tese de que o conhecimento não se reduz ao “imediato” como também só pode ser conhecimento se houver mediação.

Por conseguinte, o autor defende que essa *certeza* contém em si a verdade mais abstrata e mais pobre e, portanto, menos verdadeira. Sobre o objeto, ela só exprime que ele é, e que a consciência é apenas este Eu aqui, um este puro, vazio e singular, que sabe apenas que algo é. Com efeito, Hegel esclarece que

Eu, este, estou certo desta Coisa; não porque Eu, enquanto consciência, me tenha desenvolvido, e movimentado de muitas maneiras o pensamento. Nem tampouco porque a Coisa de que estou certo, conforme uma multidão de características diversas, seja um rico relacionamento em si mesma, em uma multiforme relação para com os outros.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 85

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 106-118
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

Faz-se necessário, portanto, explorar a argumentação de Hegel a fim de que se torne claro em que medida a sua tese sobre o erro da certeza sensível, que implica no fato de que o seu saber é o mais abstrato, o mais pobre e, desta forma, o menos verdadeiro, é válida.

## 2.O movimento da certeza sensível

No início do movimento da certeza sensível, os dois fatores implicados nessa relação (a consciência e o objeto) estão destituídos de mediações: a consciência está desvinculada da reflexão, enquanto o objeto aparece à consciência como algo destituído de características diversas, de forma que a relação entre esses dois fatores é puramente imediata e baseada no simples saber de um singular (consciência) que é certo de outro singular (objeto).

Em contraponto a esse “puro” apreender do objeto, surge, em nós, enquanto filósofos, a reflexão sobre a validade dessa certeza sensível. Pois, se nessa relação consciência e objeto estão na certeza sensível de forma imediata, isso não implica dizer que eles sejam, de fato, imediatos, pelo contrário, há fortes indícios de que eles são condicionados um ao outro na medida em que ambos sofrem a mediação de um terceiro fator que estabelece uma identidade entre eles. Não há, portanto, em termos de conhecimento do sensível, uma cisão entre o sujeito e objeto, pois o contato que ambos estabelecem entre si pressupõe uma mediação intransponível. Porém isso só fica claro na medida em que o processo no qual ambos se relacionam avança.

Inicialmente a consciência tem a certeza por meio do outro, ou seja, por meio do objeto, o qual Hegel chama de *Coisa*, e a coisa igualmente adquire o seu *status* de objeto por meio da certeza de um outro, o qual Hegel se refere como *Eu*. No momento em que esses dois elementos vêm à tona de forma mais evidente, surge a discussão acerca da importância desses elementos na própria certeza sensível: em um momento, o objeto é posto como o essente simples e imediato, ou seja, como essência – algo que possui um valor fundamental na relação. Já em outro momento, o Eu é quem passa a tomar a posição privilegiada do objeto, pois o objeto é algo não certo de si mesmo, mas só é algo por meio de um outro – ou seja, o Eu, que sabe o objeto só porque ele é. Contudo, essa discussão coloca-se nesse momento como desnecessária, pois o objeto é tomado aqui como determinante, ele é o verdadeiro e a essência. Em suma, ele é, independente de ser conhecido.

Tendo sido o objeto assumido como verdadeiro, a discussão passa a caracterizar-se de outra forma, pois não interessa mais a pergunta por *onde* estão localizadas a verdade (*das Wahre*) e a essência (*das Wesen*) da certeza sensível, mas *como* esse objeto se constitui como verdadeiro a partir da perspectiva da certeza sensível. Conforme Hegel explicita:

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 106-118
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

O objeto portanto deve ser examinado, a ver se é de fato, na certeza sensível mesma, aquela essência que lhe atribui; e se esse seu conceito – de ser uma essência – corresponde ao modo como se encontra na certeza sensível. Nós não temos, para esse fim, de refletir sobre o objeto, nem indagar o que possa ser em verdade; mas apenas de considerá-lo como a certeza sensível o tem nela.<sup>2</sup>

Ora, se a consciência almeja demonstrar que a sua certeza tenha uma correspondência com a verdade do objeto de forma imediata, nada mais natural que se exija dessa consciência o conhecimento da constituição do seu objeto. Em outras palavras, faz-se necessário um exame acerca da certeza que a consciência tem sobre o objeto a fim de que seu saber se sustente, pois, a princípio, nem uma reflexão sobre os seus próprios sentidos, sobre a sua própria forma de ter acesso ao exterior é colocada por essa consciência. Cabe à consciência, portanto, provar como é possível conhecer o objeto de forma imediata e direta, ou seja, sem mediações nem pressupostos quaisquer.

Surge então a indagação por parte da certeza sensível: “O que é isto?”. Aqui, há a introdução de dois termos que servem para distinguir e para explicar o duplo aspecto do ser, ou seja, o “isto”: são eles os termos “agora” e “aqui”.<sup>3</sup> A questão passa a ter outra face: em vez de perguntarmos “o que é isto?”, passamos a perguntar: “que é o agora?”. Ao passo que a resposta pode ser dada da seguinte forma: “o agora é noite”. O exame ou verificação, outrora exigido da consciência, é baseado, então, em uma simples experiência na qual se anota por escrito a verdade. Pois, seguindo o raciocínio do autor, uma verdade nada perde se anotada, tampouco se a guardamos. Porém, se nos voltarmos novamente ao questionamento, vemos, por exemplo, que estamos em outro horário, o horário referente o meio-dia. Tão logo guardamos essa verdade anotada sobre o “agora”, ela se tornou vazia. Logo, o termo “agora” não é suficiente para dar conta do conteúdo da certeza sensível. Com isso, concluímos também que o “negativo” está presente nessa verificação, pois em relação ao “agora” mesmo, que é sustentado, se mantém a si mesmo, mas como um agora que não é noite, e sim sua negação. Por

<sup>2</sup> HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 87

<sup>3</sup> Segundo alguns intérpretes, a princípio não parece claro em que sentido esses dois termos são suficientes para explicar a dialética presente no objeto e que o torna inteligível, como Hegel defende. Porém, como explica Devries: Hegel introduz esses termos para explicar futuramente em sua obra e de forma mais detalhada que o “isto” necessariamente deve ser entendido apenas a partir do contexto de seus predicados. Em suma, esse “isto” é mais que um simples e puro “isto”. Cf. DE VRIES, Willem A. Sense-certainty and the “this-such”, in: D. Moyar and M. Quante (Org.). *Hegel’s Phenomenology of Spirit: A critical guide*. New York: Cambridge University Press, 2008, p. 70.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 106-118
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	------------

consequência, esse agora que se mantém é tomado não como um imediato, mas como mediatizado, por ser determinado como o que permanece e se mantém *porque* outro não é.<sup>4</sup>

Neste momento surge a discussão sobre a inserção da linguagem na certeza sensível. Esse simples enunciar da verdade do objeto, por meio da qual nós denominamos como universal uma coisa simples, faz com que o *universal* passe a ser o verdadeiro da certeza sensível, isto é, enunciamos também o sensível como um universal, pois, o que dizemos é: isto, ou seja, o isto universal. Dito de outro modo, não falamos pura e simplesmente tal como o tomamos e visamos na certeza sensível, pois, através desse enunciado, a linguagem passa a ser o mais verdadeiro, bem como o meio através do qual refutamos o nosso “puro” visar, de modo que já exclui a possibilidade de podermos expressar com total segurança o que visamos. Desta forma, a pura intuição passa a dividir o seu papel com a linguagem, que assume a função de instância mediadora dessa relação esse consciência e objeto, e é ela que, enquanto algo que surge da reflexão do sujeito sobre a coisa, separa o Eu do objeto. Como esclarece Vittorio Hösle: “A matéria deste *existente*, no mais verdadeiro sentido da palavra, provém da sensação, porém, por meio da reflexão, ela é separada do Eu e contra a ele.”<sup>5</sup> De todo modo, é provado que a consciência não pode relacionar-se pura e livremente com o objeto como julgava, pois, além do fato de o objeto ser igual a ela - isto é, um outro e que, portanto, pressupõe alteridade -, apesar de ela não ser consciente disso, há também o fator da linguagem, pois o objeto passa a requerer a sua afirmação por parte da inteligência. Ou seja, a própria pergunta “sou consciente de quê?” acaba desembocando no exame mais detalhado, pois, na medida em que ela responde “sou consciente do objeto”, há a necessidade de estabelecer em que consiste essa tal coisa, e justamente nesse momento a linguagem vem à tona. O que não quer dizer que ela não estivesse sempre presente, visto que, como afirma Vânia Cossetin:

O que não significa que, antes desta experiência da consciência, ela fosse inexistente: para o olhar observador do filósofo, a linguagem não poderia ser negada; para a consciência, ela seria desnecessária. Ou seja, através de um querer dizer, de um opinar singularizado, a consciência deseja afirmar a existência singular

<sup>4</sup> Identificamos mais uma vez nessa obra a importância da recepção do pensamento de Spinoza por parte de Hegel. Hegel confirma aqui nesse momento a afirmação de Spinoza de que “toda determinação é uma negação” (*Omnis determinatio est negatio*, sentença retirada da Carta 50). Isto significa dizer que toda coisa só é determinada devido ao contraponto com outras coisas ou conceitos determinados de um modo diferente daquele da coisa.

<sup>5</sup> HÖSLE, Vittorio. *O sistema de Hegel: o idealismo da subjetividade e o problema da intersubjetividade*. Trad. Antonio Celiomar Pinto de Lima. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 406.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 106-118
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	------------

e sensível do objeto para validar a sua experiência, pelo que, ela acaba, sem querer, escorregando na universalidade da linguagem, ainda que só apontando o objeto.<sup>6</sup>

O mesmo acontece com a outra forma do isto: o *aqui*. Hegel exemplifica o aqui como uma árvore, mas, ora, quando me viro, essa verdade já mudou, o aqui não é uma árvore, mas uma casa. O próprio aqui não deixa de existir, mas é algo que fica no próprio desaparecer da casa, da árvore, etc. Com efeito, a consciência visa uma coisa, mas não pode dizer o que é essa coisa, portanto não consegue dar conta daquilo que ela visa.

Todavia, o que temos é o seguinte: enquanto o puro ser permanece como essência dessa certeza sensível, ela evidencia em si mesma o universal como a verdade do seu objeto, porém não como imediato, e sim como algo no qual a negação e a mediação estão presentes nele. Em suma, não está em jogo o que “visamos” como ser, mas é o ser com a *determinação* de ser algo abstrato, puramente universal.<sup>7</sup>

Nesse momento surge uma reviravolta na qual a relação entre consciência e objeto se inverte, de forma que a consciência é que passa a assumir a condição de determinante nessa relação. O objeto, que deveria ser o essencial, agora é inessencial, isso porque “o universal, no qual o objeto se tornou, não é mais aquele que deveria ser essencialmente para a certeza sensível, pois ela agora se encontra no oposto, isto é, no saber que antes era o inessencial. Sua verdade está no objeto como meu objeto, ou seja, no “visar” [meinem/Meinen]: o objeto é porque *Eu* sei dele”<sup>8</sup>.

A verdade reside agora no Eu, ou melhor, nas formas que a consciência sensível apreende o objeto imediatamente, isto é, através do ver, do ouvir, etc. A verdade do objeto, (a sua singularidade) é mantida porque há um sujeito que é capaz de mantê-la. Ou seja, o Eu é quem passa a direcionar aquilo que a consciência experimenta a partir da sua intuição de algo: o agora é dia porque há um Eu que o vê; o aqui é uma árvore porque há alguém para identificá-la como tal. Contudo, analisando de forma mais detalhada, concluímos que o problema continua o mesmo, apesar de se apresentar de outra forma, porque, como afirma Hegel “*Eu, este, vejo a árvore e afirmo a árvore como o aqui; mas um outro Eu vê a casa e afirma: o aqui não é uma árvore, e sim uma casa.*”<sup>9</sup> Isto implica dizer que ambas as

<sup>6</sup> COSSETIN, V. Entre o sensível e a palavra: o dilema lingüístico da consciência na Fenomenologia. In: *Filosofazer*. Passo Fundo: n.31, jul./dez. 2007. p. 79

<sup>7</sup> É importante lembrar que Hegel vê aqui o universal como abstrato na medida em que ele tende a ver como abstrato “qualquer item, seja ele sensorial ou intelectual, que esteja desligado ou abstraído, de outras coisas”, como afirma Inwood no verbete “abstrato”. Cf. INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 41.

<sup>8</sup> HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 88

<sup>9</sup> HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 89

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 106-118
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	------------

afirmações são verdadeiras porque expressam como universal o que os sentidos apreendem imediatamente, mas uma entra em discordância com a outra, de forma que a única coisa que permanece é o Eu, como universal.

Ocorre que essa mudança de perspectiva, através da qual a verdade do objeto se desloca e passa a se configurar no modo com o qual o sujeito apreende o objeto, não é nada mais que uma mudança de perspectiva, uma mudança que a consciência realiza no interior dela mesma. Com efeito, o seu “ver” nem é um ver da árvore, tampouco um ver da casa, mas se configura como um ver simples que embora carregue a negação da própria coisa, se mantém indiferente diante do que se coloca como fundamental, a saber, a casa, a árvore. Ou seja, a verdade não reside ainda na consciência, mas exterior a ela, ou melhor, pelo menos não enquanto ela for apartada desse objeto singular. Em suma, enquanto não for ainda consciente das mediações que são pressupostos para estabelecer um contato mais concreto com o que se coloca fora dela.

Da mesma forma que a consciência, enquanto certeza sensível, fez um exame do seu saber no objeto, agora ela o repetirá enquanto sujeito determinante dos sentidos. Nessa experiência, o sujeito deve demonstrar *se* e *como* consegue dizer o que é seu objeto. É essa demonstração que pode comprovar se a consciência é ou não determinante na relação que mantém com o objeto.

Nesse exame, chega-se à conclusão de que o Eu só é um universal, bem como o agora, aqui, ou isto, em geral. Como afirma Hegel:

Viso, de certo, um Eu singular, mas como não posso dizer o que “viso” no agora, no aqui, também não o posso no Eu. Quando digo: este aqui, este agora, ou um singular, estou dizendo todo este, todo aqui, todo agora, todo singular. Igualmente, quando digo: Eu, este Eu singular, digo todo Eu em geral; cada um é o que digo: Eu, este Eu singular.<sup>10</sup>

Donde se conclui que a certeza sensível experimenta que a “essência” que ela afirma não está no objeto nem no “Eu” e que a imediatez da sua apreensão não reside nem em um e nem no outro, pois o que é visado em ambos é, antes, o inessencial. Aqui, de certa forma, é justificado o motivo que levou Hegel a introduzir os termos “aqui” e “agora” para explicar a dialética do objeto (*isto*): é que com a ajuda deles, conforme esclarece De Vries, é possível entender melhor o raciocínio de que “toda demonstração é essencialmente dependente de um sistema que inclui outras possíveis demonstrações,

<sup>10</sup> HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 89

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 106-118
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

tanto similares como discordantes, pois nenhuma demonstração é a demonstração de um ‘puro isto’”.

11

Ainda assim, a certeza faz uma última tentativa na qual tenta apreender essa verdade que não conseguiu encontrar ao atribuir um caráter essencial a um dos elementos da relação, a saber, ou ao objeto ou ao sujeito. Em ambas as tentativas anteriores ela fracassou, pois quando tentou enunciar o singular e o mediato através do objeto (primeira tentativa) e através do sujeito (segunda tentativa), conseguiu dizer apenas o universal, de forma que ela tenta apreender agora o “todo” - e não mais apenas um momento seu, como ocorreu nos dois casos anteriores. Deste modo, a certeza sensível toda se estabelece e se mantém como imediata e, através do uso desse artifício, exclui de si toda a oposição que ocorria anteriormente.

Ora, o objeto e o Eu são universais: neles o agora, o aqui, e o Eu – que ‘visto’ – não se sustêm, ou não *são*. Com isso chegamos a [esse resultado de] pôr como essência da própria certeza sensível o seu *todo*, e não mais apenas um momento seu – como ocorria nos dois casos em que sua realidade tinha de ser primeiro o objeto oposto ao Eu, e depois o Eu. Assim, é só a certeza sensível *toda* que se mantém em si como *imediatez*, e por isso exclui de si toda oposição que ocorria precedentemente.<sup>12</sup>

A verdade é tomada agora como aquilo que se mantém, que não se altera. A consciência não busca analisar se uma hora afirma que o *aqui* é uma árvore e quando se vira esse aqui torna-se para ela uma não-árvore. Também não procura examinar se um outro vê o aqui como não-árvore, nem ao menos se interessa se em um momento o agora *é* e depois deixa de sê-lo. Essa consciência se limita a uma relação simples através da qual afirma, por exemplo, “o agora é dia e eu o sei como dia”. Essa consciência não efetua mais quaisquer comparações, mas única e exclusivamente se atém à relação imediata com o objeto, ou seja, com o singular daquilo que ela visa. Da mesma forma que se exigiu da consciência a prova do que ela julgava encontrar no objeto ou no sujeito, se põe agora a necessidade de que seja demonstrado o saber que ela afirma ter no “todo” dessa relação imediata, de modo que ela passa a examinar se ela consegue dizer o que visa e se consegue indicá-lo, pois a verdade passa agora a ser condicionada a essa indicação sugerida pela consciência no momento em que abdica da formulação que distingue o suposto essencial de um inessencial. Se há agora uma “restrição” ou

<sup>11</sup>DE VRIES, W. A. Sense-certainty and the “this-such”, in: D. Moyar and M. Quante (Org.). *Hegel’s Phenomenology of Spirit: A critical guide*. New York: Cambridge University Press, 2008, p. 73.

<sup>12</sup>HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 90

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 106-118
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------

“limitação” nesse intuir por parte da consciência, então que ela afirme *e* indique esse singular para que a sua certeza finalmente tenha validade na medida em que corresponda à verdade do objeto.

A partir daí a consciência analisa a relação por meio do instante, isto é, o *agora*. Ocorre que para que ela demonstre essa relação a partir deste agora, ela tem que levar em consideração que o agora já deixou de ser enquanto foi indicado. Dito de outro modo, o agora, depois de indicado, passa a ser outro. Desta forma, constata-se que a verdade reside em um instante que já foi, isto é, ela pertence ao passado. Portanto, como só se pode realizar essa prova através da indicação, quando ela é feita, constata-se também que a verdade não corresponde ao ser, pois o ser pertence ao presente – ou seja, o que está em jogo é a verdade enquanto situada em um presente imediato, que o Eu afirmou ser conhecedor e capaz de indicar.

O que identificamos agora, como explica Hegel de forma até bem didática, é um movimento que se configura em três momentos: 1) a consciência indica o agora, afirmado como verdadeiro, mas como só consegue indicar o que não está mais no presente, ela indica então como o-que-já-foi; 2) a verdade passa a residir no que já foi – a consciência assume isso para si e admite o que o que agora já *não* é mais; porém, ao fazer isso: 3) a consciência nega o que foi – pois assim ela incorre em uma contradição, afinal, o seu objetivo era provar o imediato e não negá-lo -, logo, ela faz um retorno ao ponto de partida que consiste na afirmação de que *o agora é*.

A conclusão a qual se chega é que, conforme Hegel: “o agora e o indicar do agora são constituídos que nem o agora nem o indicar do agora são um Simples imediato, e sim um movimento que contém momentos diversos”<sup>13</sup>. Ou seja, aquilo sobre o qual se reflete não é o mesmo que parecia ser inicialmente, tampouco é um simples. Um agora é, na verdade, muitos agora e o verdadeiro agora (correspondente a este instante do presente) passa a ser construído como base nesse pressuposto. O registro de um agora que é *dia*, por exemplo, pauta-se na idéia de que o dia tem muitos agora ou *horas*, assim como o agora “hora” é constituído por muitos minutos e assim por diante. O indicar, portanto, é ele mesmo um movimento que enuncia verdadeiramente o que é agora, mas um agora que é constituído como um resultado ou conjunto de agora. O indicar representa, então, a expressão de um universal, ou, conforme afirma Hegel, ele é o “experimentalizar que o agora é universal”.

Willem A. De Vries, em seu artigo intitulado *Sense-certainty and the “this-such”*<sup>14</sup>, levanta a discussão segundo a qual o argumento de Hegel traz à tona o fato de que não há atos demonstrativos isolados, e, portanto, não há também intuições isoladas. De acordo com De Vries, isso configura um

<sup>13</sup> HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 91.

<sup>14</sup> Cf. DE VRIES, W. A. *Sense-certainty and the “this-such”*, in: D. Moyar and M. Quante (Org.). *Hegel’s Phenomenology of Spirit: A critical guide*. New York: Cambridge University Press, 2008, p 63-75.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 106-118
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	------------

estado em que “toda demonstração e, portanto, toda intuição, é um ato determinante porque ocorre sem e contra um padrão um padrão de práticas demonstrativas que autoriza e, em última instância, exige uma avaliação normativa de atos individuais demonstrativos”<sup>15</sup>. Isto implica dizer que não há um “puro isto”, e, a recepção do conteúdo sensível por parte da consciência falha justamente por tentar assimilar o objeto partindo desse pressuposto.

Retomando textualmente a idéia de Hegel, constatamos a transição a outro momento: o momento em que a certeza sensível abdica do projeto que tinha de exprimir em que consiste o objeto – através do contato que supostamente travava com ele de forma imediata – e admite que a sua experiência não resulta em um exprimir algo acerca do verdadeiro. Na verdade, em toda a sua experiência, a certeza sensível experimentou apenas o saber *do isto como o universal* – através do simples ato de apontar o objeto e afirmar que ele existe -, mas um universal abstrato, portanto, contrário ao objeto que ela pretendia demonstrar. Conforme Hegel explicita,

quando o que se diz de uma coisa é apenas que é uma *coisa efetiva*, um *objeto externo*, então ela é anunciada somente como o que há de mais universal, e com isso se enuncia mais sua igualdade que sua diferença com todas as outras. Quando digo: uma *coisa singular*, eu a enuncio antes como de todo *universal*, *esta coisa* é tudo o que se quiser.<sup>16</sup>

### 3. Conclusão: os limites da indicação sem mediação, ou da ausência de contexto

Aqui se faz, portanto, uma transição a outro momento, no qual a consciência deixa de ser certeza do imediato, isto é, certeza do sensível, e passa a ser percepção. Isto porque a verdade da certeza sensível não consiste em um mero indicar dos objetos, ao menos não como ela pensava esse indicar, ou seja, como um indicar de um imediato, sem aceder à palavra. Não há, portanto, um indicar de um “puro isto”, mas, sim, um indicar a partir de uma experiência que um “Eu” faz da “coisa”, na qual uma consciência o isto como um aqui que é um aqui de outros aqui, ou um conjunto de simples aqui. Em vez de saber o objeto como imediato – como a certeza sensível pretendia -, a consciência passa a apreendê-lo verdadeiramente, passa a percebê-lo.

Nesse momento, compreendemos precisamente em que sentido Hegel direciona a sua crítica à certeza sensível: é o caso em que se a consciência quer capturar ou expressar algo, ainda que esse algo

<sup>15</sup> DE VRIES, Willeam A. Sense-certainty and the “this-such”. In: D. MOYAR; M. QUANTE (Org.). *Hegel's Phenomenology of Spirit: A critical guide*. New York: Cambridge University Press, 2008, p. 74.

<sup>16</sup> HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.94.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 106-118
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	------------

consista na relação mais simples que ela mantém com o objeto, e ela deve recorrer ao pensamento. O simples emprego de termos como “isto”, “aqui” e “agora” já pressupõem ou expressam pensamentos.

Alguns intérpretes defendem, como lembra Michael Inwood<sup>17</sup>, que pode ser verdadeiro o fato de que a criatura ter sensações não garante que ela tenha o conceito sobre algo, bem como pode ser verdadeiro que o conceito não pode ser adquirido por abstração da experiência sensível, mas isso não implica admitir que a coisa não esteja no campo das sensações. Isto é, a falha da certeza sensível - pois indicar os objetos particulares só é possível através da linguagem, e, a linguagem é universal, portanto, há uma dissonância entre ambos -, não implica na falha da referência aos particulares (os objetos). Contudo, não é forçoso reiterar que o idealismo defendido por Hegel consiste na idéia de que não há acesso a um puro objeto, a um “puro-isto”. Nesse sentido, a crítica de Hegel à certeza sensível parte do princípio que a consciência toma o objeto como algo a ser “descoberto”, a ser “desvelado”. Donde se segue que a contra-argumentação está no próprio pensamento de Hegel, pois não é o caso que a referência aos particulares deixe de existir, como ficará mais claro ao longo do texto hegeliano.

A referência aos objetos da forma que é feita na certeza sensível é que falha. Trata-se, portanto, não de um erro em relação aos objetos, no sentido de que se faça uma exclusão deles, mas de um erro de inadequação entre o critério que a consciência estabeleceu para apreensão e indicação do objeto – a saber, o imediato – e a própria indicação que ela faz do objeto. O erro consiste, portanto, no fato de que a certeza sensível não admite os limites de sua indicação. Tomamos, deste modo, que o erro da certeza sensível consiste fundamentalmente em tentar apreender um objeto descartando o contexto no qual tanto a consciência quanto o objeto estão situados. Assim sendo, pensamos com Hegel, como afirma Katharina Dulckeit em seu artigo *Can Hegel refer to particulars?*, que “é precisamente a mediação do contexto que torna a referência possível”<sup>18</sup> e não o contato com o objeto que a consciência julga ter única e exclusivamente através dos sentidos.

## Referências

COSSETIN, Vânia. Entre o sensível e a palavra: o dilema lingüístico da consciência na Fenomenologia. In: *Filosofazer*. Passo Fundo: n.31, jul./dez. 2007, p. 77-94.

<sup>17</sup> Cf. INWOOD, Michael. *Hegel*. London: Routledge & Kegan Paul, 1998, p. 13.

<sup>18</sup> Cf. DULCKEIT, Katharina. *Can Hegel refer to particulars?*, in Jon Stewart (Ed.). *The phenomenology of spirit reader: critical and interpretive essays*. Albany: SUNY Press, 1998, p. 114.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 106-118
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	------------

DE VRIES, Willem A. Sense-certainty and the “this-such”. In: D. Moyar and M. Quante (Org.). *Hegel’s Phenomenology of Spirit: A critical guide*. New York: Cambridge University Press, 2008, p. 63-75.

DULCKEIT, Katharina. Can Hegel refer to particulars?. In Jon Stewart (Ed.). *The phenomenology of spirit reader: critical and interpretive essays*. Albany: SUNY Press, 1998, p. 105-121.

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HÖSLE, Vittorio. *O sistema de Hegel: o idealismo da subjetividade e o problema da intersubjetividade*. Trad. Antonio Celiomar Pinto de Lima. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

INWOOD, Michael. *Dicionário Hegel*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

----- *Hegel*. London: Routledge & Kegan Paul, 1998.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.5 – Nº. 1	Julho 2012	p. 106-118
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	------------